

18

S E R M ã O
DO APOSTOLO
S. THOME.

QUE PREGOV O R. P. DIOGO
de Areda da Companhia de IESV
em seu proprio dia.

Na Capella Real de Sua Magestade.
aos 21. de Dezembro
de 1645.



EM LISBOA.

Com todas as licenças necessarias.

Na Officina de Domingos Lopes
Rosa, Anno 1646.

ST. THOMAS
VIRGIN ISLANDS

ONE POUND ONE SHILLING
POSTAGE

ST. THOMAS
VIRGIN ISLANDS



ST. THOMAS
VIRGIN ISLANDS
No. 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100



ORFIAS de hũa vontade humana obltinadamçte endurecida, fioc zas de humDeos amorosamente empenhado,saõ toda a materia do Evangelho que acabamos de ouuir. Porfias de hũa vontade humana digo, porque não crer S. Thomè, ou por duuidoso no modo da resurreiçaõ, ou por desconfiado no fauor da visita, que os mais Apostolos receberam, fraqueza pudera ser, com que o fes tropeçar, ou a propria delconfiança; ou a soberania do mysterio; mas resolverse em não crer senaõ com condiçoens grosseiramente determinadas, porfia foy, & não sei se tambem teima; mas aonde Thome se mostrou obstinadamente indurecido, se mostrou Christo amõrosamente empenhado, porque não só veyo buscar a Thome para o redusir quando elle menos o merecia, mas tambem veyo em todas as condiçoens que Thome lhe tinha posto, ainda que taõ pesadas, que lhe chegarão ao coração, & lho puderão magoar, se o estado de gloria em que estaua não resistira adores.

Foy pois o caso, que no dia, em que Christo resuscitou, appareceo aos Apostolos; mas não estaua entaõ com elles Thome; huns disem que de acordado por valor, outros que de desacordado por fraqueza; de acordado por valor, porque como os mais Apostolos estauaõ recolhidos & fechados cõ medo, não se quis achar com medrosos Thome, porque não parecesse que medo de Iudeos o encantoaua, pellas ruas, & pellas praças de Ierusalem o achariaõ destemido, se o buscassem; & fasme criuel esta opiniaõ, porque Apostolo, a quem Deos tinha escolhido por padroeiro de Portugueses

na conquista oriental, theatro das maiores façanhas, q̃
no mundo se obraraõ, não se pode crer senão que fos-
se hum affombro de valentia. Com tudo os mais dizem
que o estar ausente Thome, foy de desacordado por
fraqueza, ainda não tinha tornado em sy, depois que fo-
gio com os demais na prisão de Christo, acouardado se
escondeo, & escondido se deixou estar em quanto pas-
sava o perigo, depois do qual se ajuntou com os dema-
is, & ouviu as novas da resurreição, que não quis crer.
Parecialhe que merecia tanto como os outros, porque
sentira igualmente a paixão de Christo, & desejava suas
glorias, & quando os ouviu favorecidos com a visita
do Senhor, desconfiou por elle o não ser tambem; os
outros viraõ, & palparão, pois quando eu vir, & palpar,
entaõ crerei, disse Thome, que se me faltaraõ com fa-
vores, ninguem me estranhara que falte com firmezas,
que de longe começaraõ queixosos, & desconfiados;
mas quem entaõ lhe puxara pella capa, & lhe dissera;
Apostolo Sancto os outros merecerão ver, porque se
atreuerão a aturar no môr perigo, vos não vistes porq̃
fugistes, & não voltastes, a fidelidade dos outros está
conhecida, da vossa ainda se duuida, não fostes dos pri-
meiros no galardão, porq̃ fostes o vltimo no serviço.
Porem quem ha q̃ não feche os ouvidos a defenganos,

Resolueosse com tudo Thome em não crer, senão
metesse os dedos nas feridas das mãos, & a mão na fe-
rida do lado. Muitos culpão nisto a Thome de infiel,
alguns o aualião por prudente, & como tal achou, que
a verdade he tão videntia, que até em boca de Apos-
tolos podia ter perigo, não se atreuendo em materia
de tanta importância ser testemunha só de ouvida, &
não de vista. Mais razão acho aos que culpão a Tho-
me, de querer meter a mão no peito de Christo, &
louuão a Sam Ioão de encostar a cabeça no mesmo
peito, porque render obediencias com a cabeça no
peito

peito real, he dinida generosamente pagia Magestade, mas quererlhe meter a mam no peito, ou por lhe tentar os sentimentos, ou por lhe possuir o coração, he infidelidade temerariamente pretendida; mas tem desculpa Thome, porque não pertendeo escodri-nhar segredos reaes, mas aquietar duuidas proprias. E quem disse a Thome que Christo resuscitara com chagas nas mãos, & lado? He boa conieçtura, que os mais Apostolos assim como lhe disserão que Christo resuscitara, assim lhe disserão tambem que resuscitara com chagas, bem está. E não lhe disserão tambem que Christo resuscitara com resplandores de gloria? Quem o duuida? Pois se Thome creu as chagas de crucificado, porque não creu os resplandores de glorioso? Porque para crer chagas afrontosas, sobeja a primeira noua ainda que seja por entre os dentes; & para crer glorias soberanas, não basta fama constante, ainda que seja em voses altas. Chrysologo diz, que Thome com spirito profetico conheceo, que Christo resuscitaria com chagas, não alcança, nem creu a resurreiçam, mas as chagas si, da resurreiçõ tem duuidas, & das chagas certeza, porque as chagas eraõ o aluo de seu bem, & o centro de seu remedio, & saõ os homes tam certos em suas conueniencias, que até ce-gos profetisaõ seus bens, & atinão com seu remedio.

Mas eu não me maravilho tanto, de que Thome foubesse das chagas, ou porque lho disserão, ou porque o profetizou; o que me espanta he, que pufesse par tidos a Deos, senão vir, senão tocar, não hei de crer; parece grosseiria da parte de Thome, & não foy senão opiniaõ do muito que concebia de Christo; tinhaõ por Rey, & por grande Rey, & julgou que não era ac-gão alheya de Magestades, condescender com os subli

tos, & vir a partido com os vassallos, quando he para os ganhar. Senão quizermos dizer que Thome foy prudentemente Sancto, porque sabendo profeticamente que Christo resuscitaria com chagas, para o meter nellas, antecipouse a pedir o que sabia lhe querião dar, & se quem pede ao Rey o que sabe lhe deseja dar, ou lhe lisongea, ou lhe dobra o gosto, lisonja sancta foy em Thome mostrar que delejava muito o que sabia q̄ sò para elle se guardava.

Com estas duuidas, & com estes desejos passou Thome oito dias, breue tempo para quem gola, largo para quem espera; & não sei se custou mais a dilacão a Christo que a Thome, Thome ançioso das vistas de Christo, & Christo do remedio de Thome, mas persuadomè que nunca as ansias dos homens chegão as ansias de Deos, porque os homens desejio a Deos por conueniencia, & Deos communicasse aos homens por natureza, & sempre a conueniencia sobre grosseira he menos efficax, que a natureza. Chegou fualmente o domingo da Paschoela, & chegou tambem Christo segunda ves visitar aos Apostolos com os quais estava ja Thome, & como a visita era mais por Thome, q̄ pellos demais, a elle se dirigiraõ as palauras, & os fauores, mandadolhe Christo meter os dedos em suas mãos, & tomãdolhe a mão para lha meter no lado. Mãos dadas no primeiro lanço; eu seguro a Thome que chegara cedo ao coração, que não da sò Deos a mão para levantar; mãos dadas no primeiro lanço, foy ganhar a Thome por mam, & fazer que Thome ganhe aos mais Apostolos por mam tambem; mãos dadas no primeiro lanço, foy declarar-se por amigo antes de se mostrar queixoso, & querer que entre fauores de amoroso não se sentissem esquiuanças de offendido. Duuidão muitos se Thome com effeito meteo os dedos no lugar dos cravos, & a mam no lugar da lança, & querem alguns que

não,

naõ, mas que se contentou sò com ver, & só com ver se
rendeo: porque a vista de hum peito rasgado, & de hũ
coraçãõ manifestado, era afrõta requerer mais experi-
riencias; mas os mais dizem, que Thome sobre ver to-
cou tambem, porque como ministro publico da Igre-
ja, que assim lhe chama Chrysoft. não trataua tâto de sy,
quanto dos outros; as vistas foraõ necessarias a sua fé,
ostõques a nossa; com o que vio se remedeou asy, &
com o que palpou nos remedeou a nos; os olhos lhe ti-
raraõ as duuidas a elle, & as maos a nos. Grande mi-
nistro, que vendosse remediado asy, sollicitou diligen-
cias para remediar a outros.

Aos fauores das mãos se seguio a reprehençaõ da
palavra: *noli esse incredulus, sed fidelis*. Reparo em que os
fauores foraõ antes, & a reprehençaõ depois, porque
primeiro se ha de enxeigar no principe a clemência pa-
ra fauorecer, do que o rigor para castigar: reparo em q̃
os fauores foraõ com muitas palauras, & a reprehençaõ
com poucas, porque Deos he mais largo em despender
merces, que em executar rigores: reparo em que aos
discipulos de Emaus Christo pella falta de fé os repre-
bendeo pesadamente, *o stulti & tardi corde ad credendum*.
E a S. Thome pella mesma falta sò o reprehende leue-
mente, porque Thome era Apostolo, & os outros não,
& quando a pessoa tem qualidade, ha selhe de guardar
decoro no castigo: reparo que os Apostolos pella mes-
ma culpa no dia da resurreiçaõ não foraõ reprehendi-
dos, & Thome sy, porque a hũa comunidade inteira
deuem se mais respeitos, que a hum particular: reparo
em que a reprehençaõ de S. Thome foy as portas fe-
chadas *ianuis clausis*. Porque as portas fechadas foy a
culpa, & quando as culpas saõ secretas, o castigo não
ha de ser na praça: reparo em que o erro de S. Thome
foy de entendimento, porque ser erro da fé, & Chris-
tchoulho na vontade, *noli esse incredulus*. Porque ha

Luc 23

n. 23.

vontades tão porfiadas, que arrastão entendimentos fa-
sendo próprias as culpas de alheya iurdição: mas com
vontade, & entendimento se rendeo Thome, com a
vontade amando, & com o entendimento crendo; &
a tanto incendio, quanto achou naquelle peito diuino,
ainda foy pequeno holocausto vontade, & entendi-
mento iuntamente.

Dominus meus & Deus meus. Meu Deos, & meu Se-
nhor brada Thome ja rendido: como se dissera. Ah bom
IESV ategora vos não cria resuscitado, porque me via
desfavorecido, mas agora que os favores passam a ex-
cessos, cõ quẽ tão mal o merecia como eu, vos creio, &
cõfesso não sò homẽ resuscitado, mas Senhor Deos om-
nipotente; que quem como vos esqueçe offensas apor-
fia, quem como vos dissimula resistencias de oito dias,
quem como vos recompensa agrãos com beneficios,
não pode deixar de ser Senhor, & de ser Deos. *Dominus
meus & Deus meus.* Imagino eu a Thome nesta occasi-
ão com o ielho em terra, com a mam no lado, com
os olhos no rosto de Christo, com a alma lançada com
affectos pella boca, cifrando tudo o que sente nestas
palavras com que se rende: sentia violencias de hum
poder grande que o dobrou, pois de Senhor he tanto
poder; sentia incendios de amor que o abraçarão, pois
de Deos sam tantos incendios; as chagas que palpaua,
o certificauam do humano; a Magestade que o acouar-
dana, o seguraua do diuino; ja pello que ve com os
olhos do corpo lhe paresse homem, ja pello que ve cõ
os olhos da alma lhe parece Deos, & tudo confessa, tu-
do apregoa, *Dominus meus & Deus meus.* Pois Thome S.
se confessais grandezas diuinas, porque não offereceis
rendimentos próprios? Porque a mesma confissão foy
rendimento da vontade, porque se dobrou; do enten-
dimento, porque creio; da alma, porque se sojeitou; do
corpo, porque se prostou, & não tinha mais que render
quem

quem de tudo fas sacrificio a sua fé.

Quia vidiſti me Thoma credidiſti, beati qui non viderunt & crediderunt. As palauras diſem o que ſoão, mas agora as podemos accomodar todas ao ſucceſſo de Portugal, & começaremos tambem a entrar na India. Na felis acclamação de ſua Mageſtade, que Deos nos guarde, todos os Portugueſes, que aſſiſtião aqui em Portugal, crerão porque virão: virão que el Rey de Caſtella foy excluido da poſſe de Portugal, que violentamente vſurpou, & tyranicamente conſeruou, virão que em ſeu lugar nos deu Deos hum Rey legitimo, & natural tão deſejado, & tanto para deſejar, virão, & crerão porque virão. Porem *beati qui non viderunt & crediderunt.* os Portugueſes que eſtauamos na India ſão os bemauenturados, porque nẽ virão Rey, nem ouvirão acclamaçam, nẽ goſarão os aplauſos daquelles dias, nem celebrarão os viuas daquelle tempo, & com tudo crerão com tanto affecto, obedecerão com tanta pontualidade, feſtejarão com tanta demonſtração, alegrarãſe com tanto exceſſo, que merecerão, & não lhes faltaram gratificaçoens da meſma Mageſtade que tinhão longe dos olhos, mas dentro do coração. Mais ditosos forão os Portugueſes de Portugal, porque crerão o que virão, mas mais bemauenturados os Portugueſes da India, porque crerão o que não virão *beati qui non viderunt, & crediderunt.*

Até aqui ſubſtancia do Euangelho, paſſemos agora ao demais, porque o dia, o lugar, a occaſião ſão muitas obrigaçoens, para me deſempenhar de todas digo, que o primeiro que militou e mereceo debaxo das quinas reaes de Portugal foy o Apoſtolo S. Thome; donde podemos diſer que foy S. Thome o primeiro Portugues por proſiſão, porque a ſombra daquelle eſtendarte real das chagas de Chriſto ſe diſpos para a conquista da India, & debaxo delle entrou no oriente. E confirmome neſta imaginação, porque acho muita ſemelhança entre o ſucceſſo de S. Thome & entre o ſucceſſo de Portugal no campo de Ouri

que. No campo de Ourique appareceo Christo crucifica-
do ao nosso primeiro, & invinciuel Rey D. Affonso Hê-
riques, & o que trata com elle he, de o fazer Rey, & a
Portugal Reino, para que *ut deferatur nomen meum in ex-
teras gentes* para que meu nome seja leuado a gentes estra-
nhas, & para que o Rey não duuidasse que gentes eraõ
estas, no modo com que Christo lhe appareceo lhe deu a
a etêder; porq̃ foy de maneira q̃ o Rey ficou cõ os olhos
no Oriente como elle confessa em seu iuramento *vidique
subitõ a parte dextra Orientem versus micantem radium*. Com
os olhos no Oriente nascerão os Reys de Portugal, para
entenderem que para la se auia de estêder o seu imperio,
& que o Oriente auia de ser o em que sempre deuiaõ ter
os olhos por cuidado, se quisessem perpetuar com gloria
sua coroa: apos isso mostrando suas chagas ao Santo Rey
lhe manda que ellas seiaõ o braço, & deuisa de Portugal
& de Portugueses. *Insigne tuum ex pretio quõ ego humanum
genus emi, compones*. Este foy o successo de Portugal no câ-
po de Ourique; & o successo de S. Thome?ia o temos ou-
uido; caido estaua Thome pella incredulidade, & diuidi-
do dos mais Apostolos pella ausencia, mas nas chagas de
Christo se levantou, & se vnio aos Apostolos, para como
Apostolo leuar ao Oriente a fé que naquellas chagas se
confirmou. Temos logo q̃ do mesmo principio, & da mes-
ma fonte, & para a mesma empresa nascerão Thome, &
Portugal, nas chagas nasceo Thome conuertido em Apol-
tolo, nas chagas nasceo Portugal conuertido em Reyno;
Thome nasceo Apostolo para leuar a fé de Christo ao
Oriente, Portugal nasceo Reyno para continuar a prega-
ção da mesma fé no Oriente. Agora entendo eu a particu-
lar aduertencia com q̃ o nosso Euangelho nos dis, que S.
Thome se chamaua Didimo. *Thomas autem, qui dicitur Didi-
mus*. E q̃ quer diser Didimo? Quer diser Gemeo: Gemeo
S. Thome? Sy, porq̃ foy irmão Gemeo de Portugal, & de
Portugueses: Thome, & Portugal são irmãos Gemeos,
porque ambos como de hum ventre nascerão daquellas
chagas

chagas sagradas de Christo IESV: & como irmãos Gemeos, & irmãos em armas se ajudaraõ na mesma conquista Oriental, Thome cõsolandosse com o que os Portugueses depois auiaõ de fazer, & os Portugueses alentandosse cõ o que Thome ia tinha feyto dantes, Thome profetizando âtes as glorias dos Portugueses, & os Portugueses celebrãdo depois as glorias de Thome, porq̃ o mesmo spirito, o mesmo zelo, o mesmo sangue de Christo cõmunicado por suas chagas os animaua a todos. Sendo pois as resoẽs q̃ haẽtre S. Thome, & os Portugueses não menores q̃ de irmãdade, resaõ he q̃ cõlagremos oje como consagramos este dia, & esta acção aos lououres de S. Thome, & dos Portugueses iũtamẽte, para q̃ assim, como forão irmãos no naci-
mẽto, & nas ãpressas, o se jãotãbẽ no louuor, q̃ se lhe deue.

Ia nõoutro dia semelhante deste mesmo lugar mostrei as glorias da Monarchia Portuguesa Oriental na estatua de Nabuchodonosor, em que se representaraõ as melhores quatro Monarchias que ouue no mũdo dos Assirios, dos Persas, dos Gregos, & dos Romanos, & vimos que as ventagens que bastarão para ennobrecerem, & acreditarẽ estas quatro Monarchias, todas iuntas se acharão na Monarchia Portuguesa Oriental. Agora quisera mostrar as felicidades dos Portugueses no Oriente, no tempo em q̃ tuerão Reys proprios, & naturaes, que foy atẽ o anno de 1580. Quisera mais mostrar as miserias, a q̃ chegarão no tẽpo em q̃ forão governados por Reys de Castelhanos, atẽ o anno de 1640. E vltimamẽte quisera mostrar o remedio q̃ podẽ esperar neste presente tẽpo, em q̃ Deos nos tornou a dar Rey Portugues. Não correremos soltos nestas materias mas supposto q̃ Metaphraste chama a S. Thome *Index veritatis*, mostrador da verdade, elle sera oje mostrador da verdade nas felicidades cõ q̃ a India floreceo nos primeiros oitẽta annos, q̃ foi a sua idade de ouro mostrador da verdade nas miserias a q̃ a India chegou nos secẽta annos q̃ soffreo o tyranico iugo Castelhana; mostrador da verdade no remedio q̃ espera de presente por ter outra

ves, Rey Portugues, & natural que lho pode dar. Para tudo nos daraõ fundamento sò as quatro palauras do noffo tema, *Dominus meus & Deus meus*. E as demais do Euange- lho só feruirão de maior declaraçã destas. Attençã.

I. PARTE.

TODAS as ditas e uenturas de S. Thome estiverã em Christo se mostrar Senhor seu, & Deos seu *Dominus meus & Deus meus*. Senhor, & Deos foy sempre Christo, mas nem sempre se mostrou Senhor seu, & Deos seu de S. Thome, pello que Christo tinha de Senhor era absoluto, & pello que tinha de Deos era independente, mas nem em quanto Senhor absoluto, nem em quanto Deos independente medrou S. Thome; mas tanto que Christo se mostrou Senhor todo seu & Deos todo seu. E em que se mostrou Christo Senhor todo seu de S. Thome *Dominus meus*. Em que? em que o achou com rôtoras nas mãos, & com rompimentos nos peitos, vio que Christo tinha mãos rotas a liberalidade, & peito rasgado ao amor. E não foy necessario mais para o confessar por Senhor seu, & para de todo se render a seu seruiço. Rey, & Senhor tão liberal que tem as mãos furadas, Rey & Senhor tão amoroso que se lhe vé o coração, não só serã bõ Rey, mas he impossivel que não tenha vassallos tão rendidos, & tão resolutos em seu seruiço como oje se resolveo Thome.

Quando Christo quis ser tentado para noffo ensino, dis S. Mattheus, que o Spiritosanto foy o que leuou Christo ao deserto, que era o campe aonde Christo ania de pelear com o principe das treuoas, *Ductus est in desertum à spiritu* Axioma he certissimo dos Theologos, q as acçoês q se chamã *ad extra* são comuas, & indiuisiueis a toda a Sãctissima Trindade, pello que aquella moçaõ, & impulso cõ que a vontade de Christo se monia para ir ao deserto, de toda a Trindade sacrosanta procedia. Pois se toda a Trin-
dade

dade mouia, & leuaua a Christo ao deserto, porque dis o Evangelista, que só o Spirito santo o leuou. Porque a uia pouco que o Spirito santo no Jordão apparecera sobre Christo, & o honrara com sua presença, & na estimação dos homens o enriquecera com suas graças; & como agora o ir ao deserto de Christo era para pelejar, & para vêzer, digasse que o leua o mesmo Spirito, que o honrou, & enriqueceo, porque só quem sabe acrescentar com honras, & enriquecer com graças, pode meter os homens em occasioens de pelejar, & fazer que saiaõ dellas com victorias. Sendo pois os Reys de mãos rotas a liberalidade, logo teraõ vassallos que arrostem com os perigos com esperanças certas de vñcimento,

E se esta consideração parecer menos nobre pello q̄ tem de interesse, tenha o Rey o peito rasgado ao amor, & logo terà mil Thomes aventureiros. Na vltima cea disse Christo a seus discipulos: *Vos amici mei estis. si feceritis quae ego praecipio vobis.* Sois amigos meus, se fiserdes o que vos mando. Notem que o amor da parte de Christo, era de presente *amici estis*, & os seruiços da parte dos Apostolos crã de futuro, *si feceritis*. Se o amor de Christo, & os seruiços dos Apostolos se haõ de corresponder, quando forẽ os seruiços, entã serã o amor; ou se o amor he de presente, queira seruiços de presẽte, mas amor presẽte *amici estis*, & seruiços futuros *si feceritis*. Sy: porq̄ quẽ quer segurar proezas e seu seruiço, he necessario cõuidar primeiro cõ seu amor. E se Christo ensinou esta doutrina de palaura, mi lhor a ensinou por obra, porque dis S. Ioaõ Damaf. que na crus estãua Christo com as costas no Oriente, com os olhos no Occidente, o lado direito para a parte do Norte, & o esquerdo para a parte do Sul, & em qual dos lados feriraõ a Christo? no direito. E porque no direito, & não no esquerdo? porque da parte do Norte ha defair o Antechristo a fazer guerra a sua Igreja, conforme aquella profecia: *Ab Aquilone pandetur omne malum.* Assim pois rasgueffe a Christo o lado direito que fica para o norte, por
que

Ioan. 15
n. 14.

Ier. 1.
n. 14.

que como ahí hão de ser os assaltos, os combates, & as pe-
lejas, esteja para ahí mostrando o coração, & não faltarão
valentes guerreiros que triumphem de todo o poder do
Ante Christo: Tendo pois os Reys os coraçoes para fa-
zer proezas. Assim o vimos oje em Christo, & S Thome,
& assim he rasão que o vejamos ia nos nossos gloriosissi-
mos Reys, & nos nossos valerosísimos Portugue-
ses.

Nos nossos gloriosísimos Reys, porque forão tão li-
beraes que parece que tinham as mãos furadas, bem o ex-
perimētārão os que então seruirão em seu tempo na con-
quista Oriental, & bem o exprimentarão ainda oje filhos
& netos, no q gofão, no q possuem, de então para qua. E se
por maravilha se conta de Duarte Pacheco, que servindo
com tanto valor, & com tanta ventura na India, veyo a
morrer num hospital, saiba o mundo que não foy falta de
liberalidade no Rey, mas força de castigo do Ceo neste
Capitão, por chegar com suas proprias mãos a desaca-
tar hum Sacerdote na Mina, cuja capitania se lhe tinha da-
do, por ser a de q entam se tirava mais proueito, & como
nossos gloriosísimos Reys foraõ de mãos rotas a libera-
lidade, forão tambem de peito rasgado ao amor, porque
posto que só o Sereníssimo Rey Dom João o III. tomou
a Empresa de Pelicano pella ley, & pella grei, a todos pu-
dera competir, ja levando nos braços aos seus Portu-
gueses quando voltauão da India victoriosos, ia meten-
doos debaxo do mesmo palio consigo, & levandoos a seu
lado pella Cidade, como em particular experimentarão
Dom Vasco da Gama, Dom Luis de Atayde, & o mes-
mo Duarte Pacheco de que fallamos; & ouerão de ex-
perimentar os Almeydas, os Albuquerque, os Cunhas,
os Castros, os Menezes, que o merecião, se a morte lhe não
atalhara a viagem, & a chegada, quiçã porque só no Ceo
podia dignamente triumphar, quem tão gloriosamente
venceo na terra,

E como nossos gloriosísimos Reys foraõ de mãos ro-
rotas,

tas, & a liberalidade, & de peitos rasgados ao amor, ò que vassallos, ó que Capitaes, ò que soldados, ò que Portugueses forão os daquelles tempos: os Turcos os avaliauaõ por homens que sò podião traser barbas no rosto, os Mouros por inuenciveis, os Abexins com a sua Raynha Helena por milagrosos, os Decanis com o seu Nizamalucó por leões, os Malayos por amoucos, os Gufarates por encantados, os Malabares, & antes os Malucos com o seu Bolcife por homens de ferro, & por taes os iulgou tambem D. Antonio de Noronha, quando estando sobre Zor, & disendoselhe que o inimigo tinha muita artilharia, tenha embora tornou o valente Noronha, porque em cada Portugues tenho eu hũa peça de artilharia. E bem o mostrarão antes, & depois os Portugueses que eraõ leões de ferro, basiliscos de bronze, coriscos de diamante, & rayos de fogo ou fosse na tomada, ou na defensão de fortalezas, & senão.

Começai a correr a costa de Africa do Cabo de Boa Esperança pòr diante, & vereis do primeiro assalto ganhada a fortaleza de Mombaça, hũa ves pello Vis Rey Dom Francisco de Almeida, & outra pello Vis Rey Nuno da Cunha, & da mesma maneira forão ganhadas na mesma costa Quiloa, Oja, Lamo, Braua, & Ampaza, passai ao Estreito Persico, & vereis dentro em seis horas a Ormus famosa Cidade da antiga Carmania entrada duas vezes por Affonso de Albuquerque com menos de quinhentos Portugueses defendendoa em mar, & terra mais de trinta mil homens com tanto orgulho, & com tanta variedade de bellicos instrumentos, que parecia que os proprios Elementos se confundiaõ, & da mesma maneira vereis entradas no mesmo Estreito Barem, Soar, Mascate, Curiate, e Orfação. Virai dahi a outra costa da India, & vereis como do primeiro impeto foy tomada aes Mouros a Cidade de Bacaim duas vezes, a primeira por Heitor da Sylueira, estando tambem fortalecida, que sò de hũa tranqueira que

que estaua antes da Cidade tiraraõ os nossos secenta pe-
ças de artilharia; & a segunda por Nuno da Cunha estan-
do estam mais bem guarnecida de gente, & artilharia, por
que chegaraõ a quatrocentas as peças que entãõ nella se
acharaõ; & da mesma maneira forãõ tomadas Goga, Ba-
roche, Surrate, Reinel, Damaõ, Trapor, Agacaim, Tana,
Caranja, Brundim, Galiana, Bombaim, e Dabul. Descei da
hi a Goa Senhora entãõ de toda aquella costa, & agora ca-
beça de nosso Imperio, aonde tornareis encontrar outra
vez o Conquistador Oriental Affonso de Albuquerque
fazendo duas vezes despejar aos Mouros aquella Cidade
com tanta pressa, que se pode duuidar se a entraria, & a-
trauessaria elle mais depressa estando de todo desocupa-
da, do que a entrou, & atrauessou estando defendida de
tantos milhares de inimigos; & da mesma maneira vereis
despejadas Baticala, Panane, Honor, Cananor, & Calecut.
Ide dahi a fermosa Ilha de Ceilão, & vereis em hum ins-
tante arder a ferro, & a fogo Columbo cabeça de toda a
Ilha, & da mesma maneira se soieitaraõ Galle, Frichima-
lec, Maluana, Iafanapataõ, & a Ilha Manar sua visinha.
Nãõ pareis aqui, mas chegai a aurea Chersoneso, Malaca-
digo, & velaeis rendida duas vezes a pesar de centenas de
milhares de Mouros, que a defendiaõ, & sera encarecimẽ-
to do perigo com q se rendeõ aquella Cidade, acharemse
nella depois de rendida tres mil peças grossas de arti-
lharia, & nos mesmos mares vereis rendida a fortaleza de
Bintão por mais que sete mil mouros com tresentas peças
de artilharia a sustentauaõ, & mais adiante Viantana, &
nas Malucas Ternate, Tidore, & Amboyno,

E quaes foraõ os Portugueses em a cometer, taes fo-
raõ em resistir, & sustentar as praças de que se fiserãõ Se-
nhores. Digao Diu com os seus dous cercos taõ celebra-
dos, o primeiro sustentado por Antonio da Sylueira com
seis centos Portugueses contra oitenta Gales de Turcos
& sincoenta mil homens del Rey de Cambaya, em que so
sinco Portugueses defenderãõ hum balluarte em hum af-
salto

afalto que lhe deraõ tres mil inimigõs, & o segundo sustentado por D. Ioaõ Mascarenhas contra cem mil homẽs armados não sendo ia no fim dos cinco mezes que durou o cerco, mais que cento, & cincoenta Portugueses. Digao Chaul com os seus cercos taõ repetidos, & em particular o do Nisamaluco com cento, & cincoenta mil combatentes, com tresentos, & secenta Elefantes, & com quarenta canhoẽs grossos, mas bastaraõ os dous Hercules Portugueses D. Francisco Mascarenhas, & Luis Freire de Andrade para rebater taõ grande impeto noue mezes inteiros, sem mais muros, que o de seus peitos. Digao Goa aonde ainda fallei com Canarins, que contaõ as façanhas que com seus olhos virãõ fazer aos Portugueses, quando com o seu Viso Rey D. Luis de Atayde resistirõ ao Idalcão que com secenta, & cinco mil homens de pè, & trinta, & cinco mil de caualo, com dous mil & cem Elefantes, com quatro centas peças de artilharia trabalhou quanto pode por ganhar aquella praça, mas em vãõ, porque em fim se retirou depois de perder primeiro oito mil homẽs, & tresentos Elefantes, sendo os Portugueses ao principio sò seis centos. Digao Couchim aonde bastou hum Duarte Pacheco com pouco mais de cem Portugueses para quebrar a furia ao Camory, que com duascentas embarcações por mar, & mais de cem mil homẽs por terra não pode ganhar nunca hum palmo de terra, nem vencer o passo do Cambalão. Digao o Chale defendido por D. Iorge de Castro com cincoenta Portugueses de 50. mil barbaros, cõ q̃ veyo sobre elle o Emperador do Malabar. Digao Tidore aonde Antonio Galuão em hum dia como oje do Apostolo S. Thome cõ 150. Portugueses se atreueo a resistir a oito Reys jutos, q̃ trasiãõ gẽte innumeravel, & cõ lhe matar muitos milhares, dos Portugueses não morreo hũ sò.

Mas se os portugueses forão na terra leões de ferro, ou basiliscos de brõnse, no mar forão coriscos de diamante, ou rayos de fogo, q̃ tudo abalroauão, & tudo abrauaõ. O que ousadia a de D. Valco da Gama primeiro des-

cobridor do Oriente, quando cō tres embarcações, & 100 & 60. Portuguezes se atreueo a dar hũa volta ao mundo despresando os assombros das carrancas do Ceo, dos roncões do mar, dos afobios dos ventos da nõuidade dos cabos, da braueza dos baxos das calmarias, das tempestades, das fomes, das sedes, das doências, das mortes, das traições, das violencias dos inimigos, atè que engulidos todos os perigos, & vencidas todas as difficuldades em pouco mais de dous annos tornou a entrar por essa barra com as premicias do Oriente. O que victoria a de D. Lourenço de Almeida, quando com onse velas destruiu a armada del Rey de Calecut defrõte de Cananor, em que entrãõ oitenta & quatro naos, & cento & vinte & quatro parós, morrendo dos inimigos tres mil, & sò seis Portuguezes. O que resolução a de D. Francisco de Almeida quando em vingança da morte de seu filho tornou os mares da India, vermelhos com a morte de dose mil Mamelucos da armada do Soldão de Egypto, que cõ os foccorros de Melique As capitão de Diu, que ainda não era nosso, tinha duzentas & dose velas, & a nossa armada não mais que defanoue. O que esforço o de D. Fernando de Noronha, quando de vinte, & cinco galês Reaes do Turco tomou oito, meteo as mais no fundo, deixando só duas, que leuassẽ a noua a Solimão de dous mil Turcos, que naquelles mares ficauão sepultados. O que honra a de Gil Fernandes de Carualho, quando dentro em cinco dias por não auer dinheiro no Estado armou á sua custa quatro galês para acodir aos Christãos de Pandarane oprimidos de dose galeotas de Turcos, & quarenta nauios de Malabares, & só com as suas quatro galês os vè ceo, & abraçou.

Que he isto? são façanhas, são proezas, são maravilhas, são victórias, são triunfos de Portuguezes, que tinhão Reys naturaes com mãos furadas à liberalidade, & com peitos rasgados ao amor, & não temos que buscar outro principio. São valentias de Portuguezes, que sairão do patrio ni

inho deste pequeno Portugal, para em Prouincias tão remotadas fazerem presas como Dauid, & como elle traga rem fortalezas, Cidades, & Reynos inteiros. Abençoando Iacob a seu filho Iudas disse *Catulus leonis Iuda ad prædã fili mi ascendisti*. Ou como se le do Hebreo *de deuo ratione surrexisti fili mi*. Filho meu Iudas serás como leão quando fae a fazer presas, & traga quãto acha. E quando se cõprio esta benção, ou profecia? nos descendentes de Judas responde Abulense, & em especial em Dauid, que nos primeiros annos de seu reynado venceo com tanta facilidade, & com tanta pressa a seus inimigos, que parece, que cada fortaleza, cada Cidade, cada Prouincia, cada Reyno, cada Nação não era para elle mais que hum bocado não mastigado, mas ingulido. *Sic enim Dauid in principio regni sui magna bella ad deuoracionem gentium egit*. Porem com licença de Dauid hei de dizer que a gloria de ganhar com pressa fortalezas, & Cidades, & tragar Reynos, & nações he tão propria de Portugueses em a India, que leuão elles ventagem nesta parte a todas as naçoens do mundo.

Abul.
ad eum.
de mlo.
cum.

Porem vejo que me diseis ja que S. Thome não se experimentou a Christo Senhor seu *Dominus meus*. Senão tambem Deos seu. *Deus meus*. E em que? nos milagres que obrou em seu fauor, conseruando em seu corpo glorioso as chagas de sua paxão, para o meter nellas, & o reduzir. Assim foy, & assim o confesso. Mas da maneira que S. Thome experimentou a Christo Deos seu nos milagres que fes em seu fauor, assim tambem os Portugueses experimentarão a Deos seu, & a Deos por si nos milagres que obrou em seu fauor: porque não sei Cidade, nem Fortaleza na India, aonde Deos não fauorecesse milagrosamente aos Portugueses. Em Goa, Ormus, & Malaca ajudou visivelmente a Affonso de Albuquerque o Apostolo San & tiago acompanhado de muitos anjos feytos caualeiros do seu habito: nos dous cercos de Diu foy vista a Virgem Senhora nossa desfuiando dos Portugueses as setas, & pelouros dos inimigos, & com sua benditissima mão tapando as es-

Torvas das peças de artilharia para que não tomassem fogo contra os Portuguezes: & na tomada de Ior por Dom Paulo de Lima chamava a mesma Senhora aos nossos de hũa tranqueira para que a ganhassem: Em Chaul forão de hũa ves vistos os Apostolos S. Pedro, & S. Paulo capitaneando os Portuguezes, & por isso os tem aquella Cidade por Padroeiros; de outra ves appareceo a gloriosa Virgẽ S. Barbara feyta condestable borneando, & dando fogo as mesmas peças, q̃ como tambẽ acestadas fasiaõ horrendo estrago em os Mouros: & tambem se vio ali estar a marê hum dia inteiro prea mar, para q̃ não passasse hũ batalhaõ dos inimigos em hum assalto geral, q̃ se deu aquella Cidade: em Cananor estando os nossos para se entregar rendidos da fome aos inimigos q̃ os tinhaõ cercado, lhe lançou de repente a marê tanto pescado a porta da fortaleza, que se puderaõ sustentar atê chegar o soccorro, com q̃ emxotaraõ aos contrarios: Na costa da Arabia vio a nossa armada hũa fermosa Crus no Ceo, como estendarte real debaixo do qual se pronosticaraõ mil victorias: Em Maluco vio Antonio Galvaõ hũ escudo, & hũa espada celestial; o escudo rebatêdo os golpes dos inimigos, & a espada ferindo sem dó nos mesmos: Em Ceilaõ vio lopo de Britto hũa lâca no ar brandida contra os Chingalas: Em Ormus vio D. Francisco Garcia hũ rayo abrasador sobre a armada inimiga: Em Bõbaim vio Lopo Vas de Sampayo hum alfange de fogo, q̃ pelejava contra os paros dos Malabares. Milagres foraõ isto manifestos, com q̃ Deos mostrou ser Deos dos Portuguezes pelejando por elles a olhos vistos,

Mas se os milagres cõ q̃ Christo se mostrou Deos de S. Thome obrigaraõ ao mesmo Apostolo a rêder obsequios de fé, & de religiaõ na cõsiliaõ q̃ fes: ò q̃ obsequios de fé, & de religiaõ se viraõ naquelle tẽpo nos Portuguezes, em reconhecimẽto dos milagres cõ q̃ Deos por elles pelejava. O religiosissimo Rey D. Manoel edificou mais de 50. tẽplos, & entre elles esse Escorial Portugues, essa maravilha oitava do mosteiro de Belem. Do primeiro dinhei-

ro q̄ lhe veyo de Malaca, & do primeiro ouro de Quiloa
fes hũa custodia para o Sanctissimo Sacramêto, mādado
ao Sũmo Põtifice Leão X. hũ Ornãmto de q̄ ainda oje
pasma o mũdo. E assim o Religiosissimo Rey D. Manoel,
como os demais q̄ se seguiraõ depois d'elle, neohũa cousa
mais desejavaõ, q̄ a conversãõ da gẽtilidade, & augmêto
da fẽ Catholica, porq̄ sabiaõ muito bẽ q̄ para este fim se
lhe meteo na mão a conquista do Oriente; & a essa conta
nãõ enconẽdãvãõ aos VisoReys q̄ mĩdãvãõ aquelle esta-
do nẽ diamãtes de Narsinga, nẽ broslados da China, nẽ al-
catifas do Diãs, mas sõ apromulgação do Evangelho, aug-
mêtos da religiãõ, & favores aos pregadores Evãgelicos:
Em q̄ aquelles primeiros VisoReys forãõ tãõ esmerados,
q̄ igualmente páreciãõ ministros da fe, q̄ capitaẽs geraes
das armas Portuguezas. Mas entre todos tẽ o primeiro la-
gar o V. Rey D. Cõstantino de Bargãça sẽpre de felis re-
cordaçãõ naq̄lle imperio, nãõ sõ pello valor cõ q̄ ganhou
ẽ pessoa, & tirou do poder dos Mouros, a Cidade de Da-
mão, & cõ q̄ sojeitou a esta coroa o reino de Iafanapatãõ
& a ilha de Manar, mas pello zelo, piedade, & religiãõ cõ
q̄ ẽ seu tẽpo triũfou a fé do Paganismo; ja cõvertẽdosse a
nossa S. fe cõ seu favor nas ilhas de Goa, Chorãõ, Divar, e
Salfete mais Bramones, & infieis sõ em 3. annos mal che-
os q̄ governou, do q̄ foraõ todos os que se baptisaraõ do
principio da cõquista atẽ etãõ; ja pisãdo, & queimãdo em
hũ braseiro aquelle tãõ celebre dẽte do bogio, porq̄ o Rei
de Pegu dava 300. mil cruzados, & daria todos os seus the-
souros, mas estimou mais o grãde V. Rey tirar hũa occasi-
ãõ de idolatria q̄ os maiores thesouros do mũdo; ja lãcan-
do a primeira pedra ao nosso Collegio de S. Paulo, de q̄ tũ
tos fruitos de fẽ se tẽ colhido; porq̄ 18. annos depois de ser
fundado, tinhãõ ja os filhos daq̄lle Collegio derubado, sõ
nas terras de Salfete 350. pagodes & levãtado ẽ varias par-
tes mais de 300. Igrejas colonias todas da quelle Sancto
Collegio & no anno de 1634. fazendo eu diligẽcia nos gẽ-
tios q̄ se tinhãõ cõvertido, & baptizado sõ ẽ Goa pellos re-
ligiosos daq̄lle Collegio, achei q̄ chegãvãõ ja a 100. & oitã

ta, & sete mil Christãos, a fora outros muitos milhares q̃ em outras partes se connerteraõ, & baptisaraõ. Obsequios foraõ todos estes com que os nossos Serenissimos Reys, com que os clarissimos VisoReys, & com que os zelosissimos Portugueses se quiseraõ desempenhar dos prodigios com que Deos se mostrou Deos dos Portugueses fauorecendo milagrosamente aquella conquista.

II. PARTE.

MAs ay que sou forçado ja a chegar aos secenta annos de nosso catiueiro; annos em que se acabarão os VisoReys de que tremia o mar; annos em que faltaraõ os Governadores que não se contentaõ com ganhar Cidades, mas com cõquistar Reynos inteiros; annos em q̃ desapareceraõ os Capitaes que assombraõ ao Sophi na Persia, ao Soldaõ em Egypto, & ao Turco em Constantinopla; annos em que se quebraraõ os comercios, se diminuiraõ as rendas, & os Thesouros da India se esgotaraõ; annos em que se menos cãbou o primor de nossa fé, & religiãõ; annos em que se nos fileraõ tantas iniurias, & tantos agrauos sem nos acharmos, nem com valor, nem com poder para vingarmos as afrõtas de Deos, & nossas. E porque? porque nestes secenta annos não tiuemõs, nem Reys nossos, nem a Deos nosso. *Dominus meus, & Deus meus.* Mas em lugar de Reys nossos, & de Deos nosso tiuemos só Senhores que se queraõ fazer Deoses do mundo *Dominus & Deus*, porque taes foraõ os Reys de Castella q̃ nestes secenta annos nos governarãõ, não foraõ Reys nossos, porque lhe faltaua a justiça para o serem, mas foraõ só Senhores que cõ poder se introduziraõ no Reyno que lhe não pertencia; foraõ Senhores de Portugual, & de suas conquistas, & queraõ se fazer Senhores do mudo estendendo por todo elle seu Imperio. E q̃ mal nos podia vir delles serẽ Senhores, & quererẽ se fazer Deoses do mudo? o maior q̃ se podia imaginar, porq̃ como Senhores nos sangrarãõ, & esgotaraõ de quanto tinhamos, & como Deoses que se quiseraõ fazer, do mundo não nos acodiraõ

acodirão em nossos trabalhos, & necessidades, como Senhores nos tirarão o nosso, & como Deoses que se quiserão fazer não nos puderaõ acodir com o seu.

Façamos mais consideração disto que acabo de dizer para melhor entender o principio de nossas miserias. Não foraõ os Reys de Castella Reys, mas Senhores que nos esgotaraõ de quanto tinhamos. Duas cousas fez Ioseph em quanto Governador de Egypto, hũa foy governar, & sustentar a Egypto nos sete annos da fome, outra foy governar, & sustentar no mesmo tempo a casa de seu pay Iacob, mas fazendo a escriptura menção deste governo de Ioseph disse: *Inde pastor egressus est lapis Israel*, as quais palauras se Gen. 49 explicaõ com aqueloutras do Ecclesiastico em que cha- nn. 24. ma a Ioseph *Princeps fratrum, firmamentum gentis*. Principe Ecclef. de seus irmãos, & firmamento de sua gente. Ioseph não 49. nn. governou, & não sustentou igualmente aos Egypcios, & 17. aos Israelitas? Sy governou, & sy sustentou, pois porque se hade de chamar *Princeps fratrum lapis Israel*. Principe, & pastor de Israel, & não principe, & pastor de Egypto? por que? porque foy mui diuerso o modo com que se ouue com os Israelitas, & com os Egypcios, porque aos Israelitas governouos, & sustentouos sem lhe tomar nada do seu, & quem governa & sustenta sem tirar nada daquelle a quem governa, he principe, he pastor, he pay: mas aos Egypcios governouos, & sustentouos Ioseph tomando os campos, & tirando os a fazenda, & quem assim governa não se chamara Principe, & pastor, mas sò se chamara Senhor dos câpos, & da fazenda com que ficou. Taes foraõ os Reys de Castella para Portugal, & suas conquistas, he verdade que nos governaraõ, mas como nos tomauão o dinheiro para suas delicias, a gente para seus exercitos, as armas para seus presidios, as embarcações para seus commercios, não se podião chamar Reys, Principes, & Pastores de Portugal, mas sò se podião chamar Senhores do muito que tirauão deste Reyno, não crão Reys para nosso bem, mas crão Senhores de nos
fios

ffos bens, porque de todos nós egotarão.

E sendo desta maneira Senhores de Portugal, & de suas conquistas, se quizerão fazer Deoses do mundo, & como o não erão, nem o podiaõ ser de todo se impossibilitaraõ para nos acudir com o seu. Ajuntou Nabuchodonosor hum tão numeroso exercito que cobria os campos & nomeou por geral a Holofernes, o regimento que lhe deu foy, que a todas as naçõs a que chegasse, lhe tirasse os Deoses que tivessem, para que só elle Nabuchodonosor fosse Deus de todas. *Vt omnes Deos terra exterminaret, vñ delictet ut ipse solus diceretur Deus.* Arrogante presunção. E conseguio por ventura Nabucho o que desejava? tão fora esteve de o conseguir, que bastou hũa só mulher como Iudith para lhe destruir todo o poder de seu exercito, & o pôr em tanta confusaõ, que se levantarão contra elle outras naçoens, & lhe fiserão entender que não podia ser Deus, quem nem ainda como homem se podia defender a sy & acudir a tantas partes. A arrogancia Castelhana parece que tinha metido na cabeça de seus Reys fumos de divindade, como Deoses querião senhorear o mundo todo, mas bastou hũa Olanda como Iudith para lhe destruir muitos exercitos, & os meter em tanta confusaõ, que deu animo a outras naçoens para se levantarem com o seu, & lhes darem a entender que não podião ser Deoses, pois nem como homens se podião defender, nem acudir a tantas partes, quantas eraõ as que com suas tyrantias inquietavaõ.

Dagui nasceraõ pois todas as desgraças da India, por que como os Reys Castelhanos como Senhores nos tiraraõ o nosso, & como Deoses que se quizerão fazer não nos acodi raõ com o seu, ficando nos sem o nosso, & sem o seu, ficamos expostos a todas as desaventuras que neste tempos experimentamos. Lastima fora saber todas as que se tem padecido na India, porem he força que digamos no menos parte, para que conhecendo nossos males se possa melhor tratar do remedio delles.

Iudith.

3.º. 13.

Solantur undique permissu dei ad hoc circumposita, rili dicitur lib. 7.º
gentes, laxatisque haberis in omnes Romanos finis inuehantur. 4.

Disse Paulo Orof. do imperio Romano, que aquellas melmas naçoens que o Imperio Romano na primavera de seus annos tinha senhoreado, quando o viraõ descaido se rebellaraõ contra elle, & lhe deraõ todas na cabeça. Assim aconteceu tambem ao estado da India, aquellas naçoens que elle nõ outro tempo trafia debaxo dos pés, como o viraõ enfraquecido todas se lhe atremeçaraõ aos focinhos: Leuantaõse em Ceilaõ tres vezes os Chingallas, & de todas nos destruiã o arrayal matando aos tres geraes Pero Lopes de Sousa, Constantino de Sá, & Diogo de Melo de Castro, ganhando fortalezas, derrubando Igrejas, profanando altares, degolando sacerdotes, & semeando os campos de Portuguezes mortos: leuantaõse os Mouros em Bengala, & nõ contentes em nos tomarem o Vgolim ouueraõ as mãos tres mil, & quinhentos Christãos que leuaraõ a corte do gram Mogolt, aonde a affoutes, & tormentos lhe quiferaõ a todos fazer deixar a fê leuantaõse os Cafres em Mombaça, & depois de se fazerem Senhores da fortaleza, & arrasarem a Cidade, mataõ em langue frio os Portuguezes, derãõ fundo em hũa embarcaçã a todas as mulheres, & fiseiraõ da nossa Fé estrebaria de seus caualos.

Porem o que mais nos magoa o caraçãõ sãõ as perdas de Ormus, & de Malaca; Ormus requissimõ imperio da Persia, da Arabia, da Armenia, & da Turquia, ali se ajuntaua o mais rico da Asia, o mais precioso da Europa, sendo a maior carga das naos de lá voltarãõ para a India ouro, & prata Malaca que era a gadelha da India, o Flandes daquelle estado, o osso em que roim, & se diurtiãõ nossos inimigos, mas a Ormus nos tomarãõ os Persas ajudados dos Ingreses, & Malaca nos tomarãõ agora os Olandeses; quando nos tomarãõ Ormus derãõnos hũa

D

befe;

bofetada de hũa parte , quando nos tomaraõ Malaca
derãonos outra bofetada da outra parte , porque eraõ
aquellas fortalezas as faces , & fermosura daquelle es-
tado.

Mas nõo pararaõ ainda aqui nossas desgraças: desgra-
ça foy os cercos que padecemos, as embarcaçoens, que
nos queimaraõ, que nos tomaraõ ; ou fiserãõ dar a costa:
desgraça o preuerteremos os reis visinhos, divertirẽm
nos os commercios. E perdermos tantas terras, & fortalezas
em Ceilaõ. Mas todas estas desgraças nos adiuinharaõ de
antemaõ os suores de S. Antonio, & as lagrimas de S. Fran-
cisco Xavier, os suores de S. Antonio, & as lagrimas de S.
Francisco Xavier torno a dizer : S. Antonio Portugues
por sangue, & S. Francisco Xavier portugues por affeição
S. Antonio no norte na Cidade de Baçaim, & S. Frãcisco
Xavier no sul na sua milagrosa Igreja de Cotate. Parece
que estes Santos como Portugueses conhecendo dante
maõ os males que estãuaõ para vir sobre a India foraõ va-
ledores nossos diante de Deos, naõ os ouuio Deo por se
us iustos juizos, com o que Santo Antonio se desfes em
suores, & S. Francisco Xavier em lagrimas, ou porque sen-
tiãõ dantes, o que nõs padeciamos depois, ou porque cõ
estas demonstraçoẽs nos quiseraõ preuenir, para com o
melhoramento de vida evitarmos o dano que nos estãua
aparelhado.

Porem se peccados avia dantes, peccados o uue depoi-
s, & a elles podemos attribuir nossas desgraças, muitos
ouue, & ha na India, mas os que mais avultãõ sãõ muita
cobiça, & pouca religiaõ; começou a cobiça pellos q̃ go-
uernaraõ com tributos cada dia impostos, com estanques
cada dia inuentados, com colletas nos mantimentos pedi-
das por seis annos, & continuadas sem nunca acabarem;
& por mais que se pede, & por mais que se dá, & por mais
que se ajunta, tudo he pouco, & nada basta; porque como
sãõ muitas as mãos porque corre, ha muitos sumidourcs
em que tudo desaparece. Dos maiores passou a cobiça aos
capi-

capitaes menores; não se contentaõ com tirarem de hũa fortaleza vinte, & trinta mil cruzados, haõ de ser sincoenta, cento, & duzentos, & seja como for, começão com emprestimos que logo pedem, mas ha de ser para nunca mais pagar; as embarceõens que vaõ a seus portos uunca tẽ monção para sair, senaõ depois de dar hũa peça, que elles chamaõ de amigo, & he presa que fazem nas fazendas como se foraõ inimigos, com capa do seruiço del Rey não ha mantimentos que não atrauessem, nem mercadorias q não abarquem, & os preços porque compraõ hã de ser os que elles querem, & os porque vendem hã de ser os que o pouo não quer.

Dos capitaes passou a cobiça, aos ministros de Iustica ãda a Iustica na India em almoeda, a quẽ mais dá por ella, padecẽdo os pobres, orfaõs, & viuvas que não tem q dar. Vimos na India estes annos muitos crimes, mas não vimos criminosos; as culpas erã no publico, & os culpados sempre ficarã em secreto, porque nunca se fes justica delles. A ordinaria de hum ministro da Iustica, he quando muito para se poder sustentar com limpeza, & elle sobre se sustentar com fausto, ajunta quarenta, & sincoenta mil cruzados sem risco de mar, & terra, mas com muito da consciencia: & o pior he que saõ os ministros da Iustica as vezes melhores lapidarios que letrados, mas o saber de pedras he o que importa porque aquellas que tem mais quilates saõ as que tem mais Iustica: & como os que ouuerã de dar exemplo com sua inteireza lançaõ por este caminho, fica o estado de pes a cabeça desgouernado.

O outro peccado da India he pouca religião, porque se acabou ia aquelle zelo, & aquella piedade, que noutro tempo tanto floreceo: Nestes vltimos annos chegei eu a ver as Igrejas fechadas duas vezes, porque faltandosse cõ as ordinarias aos ministros Ecclesiasticos, não tinham nem com que se sustentar, nem o que lhe era necessario pera a administração dos Sacramentos: sõ o que se dá aos ministros do Euangelho parece que falta para o seruiço del

Rey antigamente erão os soldados mais, & as rendas me- nos, & abrangião para soldados, & pregadores, & hoje são as rendas mais, & os soldados menos, & nem para soldados ha, ficando os ministros da pregação sê o q a piedade de uof- los Serenissimos Reys com elles tão liberalmente repar- tio; para fauorecer a Gétios cõtra Christãos sêpre se achão rascens para fauorecer a Christãos cõtra gétios sêpre se descobrê temores: as afrõtas feitas a Deos, & a seus minif- tros quando mais zelosos da honra divina assim se passa & dissimula com ellas, como se não forão: hum Patriarcha de Ethiopia com hum celar de ferro ao pescoço, rouba- do até de seus proprios vestidos, desterrado de sua Igre- ja lo porque não prègue a fé de Christo, hum Governador do Arcebispedo de Goa cõ outros religiosos, & sacer- dotes mortos as lançadas por quatro negrinhos, & tudo se pos em silencio, como se nunca tal ouvera.

Hum dos grandes imperios que ouue no mundo foy o dos Assirios dis Euseb. sobre o cap. 2. de S. Lucas, por- que Senhoreaua Egypto, Africa, & toda a Asia ate a In- dir: *Completabatier Egyptum: Libyam, Asiamque totam, exten- debat uero se usque ad Indorum orbem.* E se foy imperio gran- de nos limites das terras, foy tambem grande na duração do tempo porque começando em Nemorod, acabou em Nabuchodonosor. E porque acabou em Nabuchodono- sor? o mesmo Eusebio. *Nec prius deletum est, quam Ierosoly- mis Dei templam violasset.* Que parece quis diser, muito ti- nha durado o imperio dos Assirios, & muito ouuera de durar mas tanto que Nabuchodonosor entrou em Ieru- salem, & saqueou a Cidade, & o Templo sagrado foy for- ça que acabasse. Dous peccados grandes cometeo Nabu- chodonosor na tomada de Ierusalem, hum foy de muita cobiça, outro de pouca religiã: muita cobiça, porque co- mo temõs no cap. 24. do 4. Liuro dos Reys leuou consigo

4. Reg. quantas riquezas avia em Ierusalem. *Protulit inde omnes*
 cap. 24. *thesaurus domus Domini, & thesaurus domus regia nihilq; reli-*
 m. 13. *ctur est exceptis pauperibus; populi terra.* E pouca religiã
 porque

porque não guardou respeito ao templo de Deos antes
o entrou, & o profanou; sem que a veneração com q em
todo o mundo era celebrado, o atemorifasse. Pois seja em
bora o imperio dos Assyrios grande na duração, & gran-
de nos limites, que essa perpetuidade com que durou ha
de acabar, & essa grandeza com que se estendeo ha de
cair, porque a muita cobiça; & a pouca religião o ha de
derrubar: muitos Reys, & muitos annos foraõ necessa-
rios, para que o imperio dos Assyrios floreceffe, & che-
gasse a grandeza que logrou, mas hum só dia, & hum só
Nabuchodonosor pouco religioso, & muito cobiçoso
bastou para que de todo se acabasse. *Nec prius deletum est
quam Ierosolymis Dei templum violasset.* A mesma queda que
deu o imperio dos Assyrios, ameaçou tambem o imperio
dos Portugueses no Oriente; porque os mesmos pecca-
dos de muita cobiça, & de pouca religião se apodera-
raõ não só dos maiores que o governaraõ, senão tambem
dos menores que eraõ gôvernados.

III. PARTÉ.

MAS muitas graças sejaõ dadas a diuina Magestade
que nos deu outra vez Rey Portugues, & natural
para nosso remedio, consolação que Deos prometeo ao
seu povo de Israel quando pello profeta Oseas lhe disia:
Dabo eis vinitores ex eodem loco, ou como tem a lição hebrai-
ca; *Constitnam eis inde Gubernatores ejas.* Darei a meu povo
Reys, & Governadores da sua terra, & de seu sangue. E
para que haõ de ser esses Reys? *Ad aperiendam spem.* Para
abrir porta a esperanças, antes parece que ouvera de di-
fer que daria Reys naturaes a seu povo para fim de suas
esperanças, & para comprimento de seus desejos, por-
que como aquelle povo desejava, & esperava tanto
hum Rey natural, dandolho Deos daua fim a su-

Oseas. 2.
n. 15.

as esperanças, & comprimento a seus defejos. Com tu
do responde Bertario, *Loquitur tamen Deus admodum conso-*
nanter: adeo enim oppressi erant tyrannico regimine exterorum, ut
iam neque cogitarent unde aliquid boni sperare possent, tyrannus
enim gubernator etiam bene sperandi ostium claudit. O que fal-
lou Deos com muita consonancia em diser, que dando a
seu pouo Reys naturaes daria principio, & não fim a suas
esperanças, porque estaua aquelle pouo tão opprimido, &
tão aperreado do tyrânico gouerno de Reys estrangeiros
que nem esperat lhe deixavão hum nouo Key: era tão ty-
rannica a oppressão em que os Assirios tinhão a Israel, q̃
não só lhe impedião a liberdade, senão també as esperan-
ças della; mas ahi acodio Deos, & não só lhe deu Rey pa-
ra os libertar, mas com elle lhe abriu portas a esperanças
de outros bens, & de outras venturas que lhe avia de dar.
Não tenho que fazer accommodação, porque este successo
he o mesmo, que o de Portugal: *Deus enim nob̃s*

Mas o que digo he que se lios primeiros oitenta ani-
nos da monarchia Portuguesa orientual estiuerao as feli-
cidades em termos Reys nossos, & a Deos por nos *Domi-*
nus meus & Deus meus. E se nos secenta annos seguintes
estiuerao as desgraças em termos Reys que erão Senhores
& se querião fazer deoses do mundo *Dominus & Deus.* Ago-
ra toda a esperança do remedio está em termos hum Rey
nosso que obra com mão de Deos *Dominus meus & Deus*
meus: as resoluçoens são suas, mas as execuçoens são de De-
os: parte tera o Rey nos bons successos pello muito que
se despende nelles, & pè terra Deos pello muito que se tē
empenhado, porque parece que nem Deos quer obrar sem
o poder real, nem quer que o poder real obre sem o bra-
ço diuino. Naquella guerra que Iosue teue com os Ama-
lecitas aiuntou gente, repartio armas, formou esquadroes,
enuestio, pelejou & venceu. mas acabada a guerra, & alcã-
çada a victoria leuanta Moyses hum altar. E poe mhe por
titulo *Manus solij Domini contra Amalec.* a mão do tronco de
Deos foy a que pelejou contra Amalec. não sei eu guerra
aonde

aõnde fossem mais necessários os braços dos homens que naquella, porque não sò os que entrarão na batalha pelejão, senão que Moyses que se pos em hum monte estava tambem com os braços levantados, de maneira que se os abaxaua, vencião os Amalecitas & se os tornaua a leuãtar vencião os Israelitas, pois se os braços dos homens tanto fizeraõ nesta batalha como se poem por titulo da victoria que só a mão, & braço de Deos pelejou. *Manus solij Domini contra Amalec:* porque nem os braços dos homens pôdião pelejar sem o braço de Deos, nemo braço de Deos, sem os braços dos homens quis vencer. Porem o texto me fas parecer que as palauras ferão talhadas para o que se vio em Portugal, porque não dis que a mão, & braço de Deos pelejou, mas que a mão, & braço do trono de Deos foy a que pelejou, & como o trono de Deos por antonomasia seja sua crus, & nella se vio a mão, & braço de Deos despregado para o menear em nosso fauor, bem nos podêmos prometer grandes venturas no remedio de nossos males, pois temos hum Rey nosso que obra com braço de Deos. *Dominus meus & Deus meus.*

Assim confio eu em Deos que ha de ser, & assim espero que o ha de experimentar a India, & ja vio demonstraçõens do Ceo, que assim lho assegura uão; porque hum grande seruo, de Deos que nella ha, cuja vida acredita suas palauras, & cujas profecias se de sempecharão nos effectos que muirõs experimentarão. Este seruo de Deos pois no mesmo anno de 1640, & no proprio mes de Dezembro, em que V. Magestade foy acclamado nesta Cidade, vio là na India que hum Anjo que estaua com a espada feita sobre a cidade de Goa para castigar, vio que logo se sahio de sobre Goa, & se foy para a banda do mar fazendo rosto a tudo o que contra aquella Cidade pudesse vir, de sorte que o mesmo foy ser V. Magestade acclamado neste Reyno que os Arxas que estauão destinados para nosso castigo, trocaram em nossos padroeiros, & defensores, porque como os Anjos scião soldados de De-

os, tanto que virão a Deos empenhado com V. Magestade, & a V. Magestade pelejando com o braço de Deos, foi força que se lançassem da nossa parte, & segurassem nosso partido. Pera que assim seja Senhor como esperamos, hei de dizer o que me ensinar o Euangelho no remedio que se deseja, porque como sou testemunha dos suspiros, & lagrimas que se derramão na India na continuação das misérias que se padecerão, pode ser que a certe com o remedio que hão mister.

A primeira cousa Senhor que se deseja he que V. Magestade faça muita estimação desta conquista na eleição das pessoas que para ella ouuerem de ir, nos soccorros que se lhe ouuerem de mandar, na correspondencia do que de lá se representar, muita estimação desta conquista, porque he conquista que custou muito, & rende muito, custou muito sangue a Portugueses, & rende muitas riquezas a Portugal. Quem hoje vir a Christo resuscitado com chagas como temos no Euangelho, parecer-lhe a primeira vista, q̃ não auia cousa mais desconueniente, porque o corpo de Christo estaua ja glorioso, & as chagas eraõ de corpo mortal, pois chagas de morte em corpo de vida, chagas de pena, em corpo de gloria? Sy: Porq̃ as chagas custarão muito a Christo, & renderão muito a Igreja, custarão muito a Christo porq̃ por ellas derramou todo o seu sangue, & rēderão muito a Igreja, porque por ellas sairão os sacramentos, que são os thesouros da Igreja, pois chagas que custarão sangue, & rendem thesouros, não as larga Christo, antes faz tanta estimação dellas, que se authorisa com ellas quãd o mais glorioso.

Muito sangue tem custado a conquista da India aos Portugueses, só dos VisoReys que governarão aquelle estado, & foraõ até agora quarenta, & oito, acabarão lá vinte & hum que são quasi ametade, quantos fidalgos tão illustres, quantos capitaes tão valentes, quantos soldados tão esforçados, perderão a vida na empresa, que mar, que rio, q̃ praya, q̃ enseada, que cabo, que fortaleza se achara que

que não esteja banhada de sangue Portugues. Muito sangue tem custado a India, mas muito rende tambem, cada um he hum thesouro que abrange a grandes, a pequenos a nobres, a plebeos; a altos, & a baxos; a naturaes, & estrangeiros: Hũa só nao da China que nos tomaraõ os Olandeses, & se vio em Olanda os empenhou a meterem na India tanto cabedal, quanto a nossa custa temos lenti-do, porque de lá tirarão, o com que tem levantando cabeça, & de lá tirauamos nos tambem o com que neste canto do mundo nos faziamos tão timidos, & respeitados pois conquista que tanto sangue tem custado, & que rende tantas riquezas merece muita estimaçãõ, & ja pode ser q por isso nasceraõ os Reys de Portugal com os olhos no Oriente, porque conuem que esta conquista seja as meninas de seus olhos no desuelo com que se lhe ha de acudir no cuidado cõ q se ha de prouer, na diligencia cõ q se haõ de preuenir as cousas para q vão a tempo, & cõ isso se cõserue, & se perpetue conquista que tanto tem custado, & que tanto tem rendido, & pode render.

Apos isso o que mais conuem he que se conservem por hora as pases que estaõ feitas com os Olandeses porque Christo ainda que Rey tão poderoso, & glorioso a primeira cõsa que oje fes foy dar pas a leus discipulos *Pax vobis.* mas não ha de ser esta pas para nos descuidarmos nas prevêçoens de guerra: E se foy principio de muitas desaventuras o viuermos na India no tẽpo da guerra, como se estiueramos em tẽpo de pas, importa q no tẽpo q durarẽ estas pases q estaõ feitas, viuamos como se estiueramos em tẽpo de guerra, porq he arbitrio necessario para toda a segurãça quãdo não temos inimigos, estar preuenidos como se os tiueramos, & avermonos no descãço da mais bella pas, como se estiueramos no cõflito da mais crua guerra. Em seu nacimiento mandou Christo por hum Anjo apregoar pas no mudo, & *in terra pax hominibus.* mas logo aparecerão com o Anjo da pas exercitus de Anjos em tom de guerra, *Facta est cum angello multi-*

endo militia cal. f. s. exercitus. a pas vinha na boca, mas ap-
mas vinhaõ na maõ, para nos ficar em regra de prouiden-
cia humana, o que Christo fes por conçeilho diuino, que
naõ ha pas segura senãõ a que se estiba em apparatus de
guerra. Rey pacifico por excellencia se chamou Salamão
pella muita pas que teue com todos os vefinhos, & nunca
deixou de estar cercado de guerreiros fortissimos que
lhe assistião. *En lectulum Salominis sexaginta fortes ambiant
ex fortissimis Israel, omnes tenentes gladios, & ad bella
doctissimi.* Acabaraõ se ao Emperador Theodorico os ini-
migos, porque a todos logeitou com grande ventura, po-
rem na corte não se acabou o estrondo das armas: dis S.
Enod. porque se fazia por enfayo, o que ao diante podia
ser necessario no perigo. *Vrbis omne promerium simulacro con-
gressionis atteritur, agit figuram certaminis ne cum periculo ve-
ra nascantur.* Por ordem de Deos leuantou Gedeão hum
altar a que chamou pas de Deos: *Vocavitque illud dominus
pax.* E com se ver com pas dada por Deos mandou tocar
pifaros, & tambores, & fazer gente porque atè em pas da-
da, & confirmada por Deos, ha de aver preludios, & per-
paraçoens de guerra. Tambem aqui nos não falta o nosso
Evangelho, porque sendo que no primeiro dia que Chri-
sto appareceu aos Apostolos publicou logo pas, & os man-
do u fair, & ir a Galilea, com tudo oito dias depois ainda
os achou em tom de guerra, & com portas fechadas: *ian-
is clausis.* Porque como sabião que os Iudeos andauão ain-
da inquietos, & erãõ inimigos, não se quizerão fiar delles
mas fechados como em corpo de guarda se deixauão es-
tar, de tudo colhamos nós logo o que se deue fazer nestas
pases da India, que he tratar de guerra, como se nunca
ouuera pas, & se até agora se tratava de socorros porque
se pediõ, agora mais socorros porque se não escusa, seja
esta pas eschola de guerra, & virã ser a guerra como fol-
gado de pas estudemos nossos danos na guerra descuida-
da que tiemos para que aprendamos em hũa pas guer-
reira nossas venturas.

Po7 dies o7to Dis o Evangelista que Christo appareo aos Apostolos Domingo oito dias depois de sua resurreiçõ, & porque não appareo antes nem depois, porque o domingo era dia destinado para glorias da resurreiçõ, não conuinha antes, por não antecipar o dia, não conuinha depois por não passar o dia que deuia ser, mas como estaua de pormeyo o remedio de que necessitaua Thome, no primeiro domingo que ouue appareo Christo. Se queremos que vão a saluamento as naos da India, & que se logrem as viagens, não hão de ir antes, nem depois, mas nos dias destinados para ellas, que são os da monção porque não conuem que as naos vão esperar a monção ao mar, nem que as fação sair depois da monçam passada, mas que partão nos primeiros dias da monção que o anno tem, pois o remedio da India depende dellas, & pouparemos naos, porque com tormentas que ha fora da monção, ou abrem, ou se perdem de todo, pouparemos gente porque em viagens compridas morre muita, & pouparemos fazenda, porque ou em arribadas, ou invernadas se consomem grandes quâtidades. E conuem que aos homẽs da navegaçõ se fação muitos favores nos interesses de suas liberdades, & que se lhe não vendão os officios que são os premios de seus trabalhos, mas que se dem aos que melhor tiuerem seruido, & forem mais intelligentes: & he muito de aduertir que os homens do mar de ordinario não alcançã premios de honra, como são habitos, & commendas, mas os proueitos de suas viagens são os premios de seus trabalhos, & se estes proueitos se lhe diminuem, vendendolhes antes os officios, & depois desfalcandolhes as liberdades, ficão sem honras porque se lhe não dão, & sem proueitos porque lhos tirão, & sem esperanças de honra ou de proueito podem faltar, & faltando acabouse a navegaçõ, & acabouse a India.

Mais S. Thome meteo a mam no lado de Christo, porem não tirou delle os Sacramentos, mas elles sayrão por sy cõ o sangue, & agua tanto que Christo morreo: &

porque não esperou Christo para que S. Thome tirasse os Sacramentos de seu lado ia que avia de meter a mão nelle? porque não convinha fiar sacramentos, & segredos que são a alma de todo o bom governo, de Thome q se tinha mostrado pouco fiel. Senhor com grande magoa o digo pello grande dano q tẽ feito ao estado da India: Todos os segredos do governo da India estão em poder de negros, porque elles sã são os officiaes da secretaria de estado, & como são negros não sã interesseiros, mas o mesmo interesse, com qualquer que lhe dem la vai todo o segredo. A experiencia o mostrou estes annos, em q nossas resoluções, antes de sairem a lus, se acharão nas mãos dos Olandeses, como q se preuenião para os danos q lhe pretendiamos faer, & se armauão contra nós em tudo o que nos podião offender, como ladrois de casa q sabião nossos intentos: Christo não fia os sacramentos, & segredos de sua Igreja de hũ Apostolo por hũ infidelidade q se achou nelle, & nos tendo achado tantas naquelles negros fiamos delles todos os segredos do governo da India: Em Portugueses estarão os segredos mais bẽ guardados, & nelles melhor empregados os cellarios, & os officios, que negros comem, & tão mal merecem.

Quia vides tima Thoma credidisti. Christo louvou, & apremiou não sã a S. Thome q creio nelle e mereceo chegar a sua presença, mas louvou, & a premiou tambem os ausentes, que creraõ nelle, & servirão, ainda que nun ca chegaraõ a sua presença nem o viraõ. *Beati qui non viderunt, & crediderunt.* Que os soldados que servirão bẽm na India, & puderaõ vir a Portugal despacharse levem os despachos que pertendem de seus seruiços, merces são que se podẽ esperar da grandeza de V. Magestade, mas não esqueçãõ; Senhor os ausentes, que não vem, ou porque não podem, ou porque os não deixão, se elles servem com satisfação saibãõ felhe os nomes ainda que não appareçaõ, saibaõ e-lhe os seruiços ainda que os não apresentem, tenhaõ galardão

daõ ainda que o naõ requeiraõ, que he privilegiõ de bons Reys terem grandes olhos, & grandes mões, grandes olhos para verem o que se obra em seu serviço nas mais remontadas partes de seus Reynos, & senhorios, & grandes mões para chegarem com o premio, aonde chegaõ cõ os olhos.

E por remate de tudo digo que S. Thome meteo a maõ no lado Christo, & naõ tirou nem os sacramentos, como ja disse; nem o sangue de Christo, porque esse o tinha dado Christo em preço de nossa redempçaõ; mas sobrou fé dis Chrysolog. porque sempre esteve a fé vinculada naquellas chagas, & essa fé que tirou levou ao Oriente, & nelle a dilatou. Hora bem ja que seguimos a Thome nas pisadas, sigamolo nos intentos, seja o primeiro, & principal intento dos Portugueses a exaltaçaõ, & dilataçaõ da fé Catholica, aruoremse essas quinas, & chagas sagradas por toda essa Africa Oriental, naõ para ganhar com ellas as minas de Monomotapa, nem o ouro de Mocranga, mas para meter no coraçãõ daquella cafraria a fé de Christo entrem victoriosas pello mar roxo naõ para tirar os thesouros de Macua Esuachem na costa de Ethiopia, nem as riquezas de Meca, & Iuda na costa da Arabia mas para que a fé triumphe da heregia na Ethiopia, & da perfidia na Arabia sayãõ dahi, & virem ao Sinu Persico, & subaõ pello Eufrates, illustre a lus de nossa fé tudo o que profanou a ceita de Mafamede na Persia, & na Turquia; tornem, & atrauessem a toda a Cambaya, & penetrem todo o imperio do Mogolt, aonde se relataõ tradiçoẽs, que cedo haõ de ser os Portugueses senhores daquelle imperio, seja naõ tanto para ganhar novos titulos a sua coroa, quanto para render novos trofeos a lua fé; discorraõ por todo o industane, & nos mais empinados vimis do seu Gate apareça o nouo sol de nossa ley despedindo rayos com que abrafe mesquitas a Mourama, & pagodes ao gentelismo; passem ao paraíso terreal da

da Ilha de Ceilão, & no seu celebre pico aõde ainda que-
rem que aja vestigios do antigo Adam se desenrole, o ef-
tendarro do nouo Adam Christo IESV, para que desapa-
reção os erros da heregia, que Olanda ja lá meteo, & as
supresticoens da idolatria, que Cãdia sempre conservou;
Cheguem a desgraciada Malaca, & seiaõ restituídas aos
mesmos lugares, aonde agora sò se guardam as leis de Lu-
tero, & de Caluino. Não parem abi não, mas sejaõ os vl-
timos fins da terra as balizas de sua gloria nessa multidão
de Reynos de Iapam, & nesse Reyno dos Reynos da Chi-
na, que para que de todo, caia a idolatria, & sò Reyne, &
triumfe a fê de Christo: seja só este ozelo dos Portugue-
ses, & seguraram sem o pertenderem, la retorno de sua
gloria no vencimento de seus inimigos, na dilataçõ de
sua conquista, nos interesses de seus commercios, no
sucesso de suas viagens, na honra de seu nome,
no credito de sua patria, na gloria da sua mo-
narcha com merecimento de graça
nesta vida, & cõ premio de glo-
ria na outra. *Ad quam nos*

perducat Domi-

nus IE-

SVS.

Taxão este Sermam em reis.

Coelho. Ribeiro.

